

REPÓR THE R

theresina - piauí, outubro de 1997 / ano III / nº 4 / R\$ 1,00 / UBE - PI



Cid Teixeira de Abreu - nosso Poeta maior

**DIRETORIA EXECUTIVA**

Presidente

Kenard Krueel

Vice-Presidente

Nilo Carvalho Neto

1º Secretário

Róberto Carvalho

2º Secretário

Lisete Napoleão

1º Tesoureiro

Nilo Carvalho Neto

2º Tesoureiro

Oswaldo Monteiro

CONSELHO CONSULTIVO

Tomaz Gomes Campêlo

José Elmar de Melo Carvalho

Pompílio Santos

SUPLENTE

Teresina Queiroz

Lucia Roriz

Francisco Hardi Filho

DIRETOR EXECUTIVO

Cid Teixeira de Abreu

PESQUISA E PROJETOS ESPECIAIS

Francisco das Chagas Castro

RELAÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Ramsés Ramos

Carlos Alberto Seabra

INTERCÂMBIO CULTURAL

Herculano Moraes da Silva

MARKETING

José Fortes Filho

JURÍDICO

Cliff Vilar

COMUNICAÇÃO

Keli Dias

PROJETOS CULTURAIS

Aura Santos

Jamerson Lemos

Graça Vilhena

PUBLICAÇÕES

Rubervan da Nascimento

Antônio Amaral

Cid Teixeira de Abreu

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Kenard Krueel

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

Editora Zodíaco

Rua David Caldas, 195, sul

64.000-190 - Teresina - Piauí

Fones: (086) 221 9272 - 221 0130



O governador Mito Naves na solenidade de inauguração da sede da UBE, com a participação de toda a intelectualidade piauiense.

O AVANÇO DA UBE

CID TEIXEIRA DE ABREU

A União Brasileira de Escritores (Seção Piauí) foi fundada no dia 21 de outubro de 1973, em solenidade realizada no auditório da Casa Anísio Brito, em Teresina. Presentes Magalhães da Costa, idealizador e primeiro presidente, J. Miguel de Matos, José Patrício Franco, Vidal de Freitas, Lili Castelo Branco, Francisco Miguel de Moura, Josias Clarence Carneiro da Silva, Osvaldo de Azevedo Monteiro, Balduino Barbosa de Deus, Hardi Filho, A. Tito Filho, Celso Barros Coelho, Geraldo Borges, Hermés Vieira, Francisco da Cunha e Silva, William Palha Dias, Clidenor de Freitas Santos, Pedro Celestino de Barros, Aury Lessa, Itamar Caldas, Inacema Santos Rocha, William José da Silva, Dawson Carvalho, entre outros.

Criada com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento cultural do Estado, defender os direitos fundamentais do escritor, zelar pelos interesses da classe, congregar, promover e inserir os escritores piauienses no cenário da cultura nacional, a UBE-PI tem feito também um trabalho de base difundindo a Literatura Piauiense nas escolas públicas e particulares e

procurando integrar ainda mais os escritores das diversas regiões através de encontros, congressos, simpósios, debates, seminários, cursos, entre outras atividades culturais e artísticas.

A União Brasileira de Escritores (Seção Piauí) nasceu, cresceu e se maiorizou pelos caminhos da Cultura. Como se fora um processo biológico natural, teve o seu engatinhar, sua adolescência e a sua maturidade hoje: 24 anos! Devemos isso a todos que nos antecederam. Durante estes 24 anos, a UBE esteve administrada por diretorias competentes, tendo como representantes Magalhães da Costa, Pompílio Santos, Francisco Miguel de Moura, Elmar de Melo Carvalho, Melquisedeque Viana, Rubervan da Nascimento e agora por Kenard Krueel.

Nesta semana de comemorações do seu aniversário (15 a 19 de outubro), honra-nos pertencer a seu quadro de associados, exercendo a humilde função de Diretor Executivo.

De um ano para cá o seu avanço foi palpável: nenhum evento cultural que se realize neste Estado, ou fora dele, a UBE deixa de estar presente, -o que é um atestado de idoneidade.

No decurso de um ano, desde o seu estabelecimento em sua nova sede, foram promovidos o Concurso Mário Faustino de Poemas, a Semana Da Costa e Silva, a Semana O. G. Rego, comemorativa do 30º ano do lançamento de Rio Subterrâneo, a Semana do Cinema Nacional, com filmes específicos para vestibulandos, a Semana Júlio Romão da Silva, o Dia Nacional da Imprensa, em parceria com o Banco do Brasil, Governo do Estado do Piauí, Prefeitura de Teresina e Sindicato dos Jornalistas do Piauí, e agora o seu mais novo projeto, o do Escritor Mirim, que será oficialmente instalado no próximo dia 18 no Espaço Cultural Mário Faustino. E, como não bastasse na sua sede, será inaugurada neste dia 24 de outubro a Livraria A. Tito Filho.

Aviso aos navegantes: Todas as quartas estamos nos reunindo no Elio Regina, com homenagem a um poeta na Quarta Poética, já por todos consagrada.

A UBE está em pleno crescimento, e, ano vindouro, em suas Bodas de Prata, ainda estará bem mais. Por isso, não nos falte. A sua presença conta.

O ANJO MÁRIO FAUSTINO

RAMSÊS RAMOS

Arquivo da Família

O poeta Mário Faustino nasceu em 22 de outubro de 1930, em Teresina-Piauí, e morreu (ou deixou-se morrer) em 27 de novembro de 1962, em um desastre aéreo sobre as ruínas da Pachacama, no Peru. O avião levava o poeta para uma entrevista com Fidel Castro, em Cuba.

Mário Faustino dirigiu, de 1956 a 1959, a página Poesia Experiência no *Jornal do Brasil*, onde divulgou as maiores vozes poéticas de todos os tempos: Browning, Novalis, Rilke, Baudelaire, Carlos Drummond. Deixou obra inacabada: "O homem e sua hora" (um poema longo, à moda de Ezra Pound), além de traduções dos mais diversos idiomas.

Mário inscreve-se na continuidade daquela geração dos poetas épicos piauienses - um Da Costa e Silva (1885-1950) - que, em sendo modernos, porquanto sua poesia vive e pulsa ao lado de seus contemporâneos, não cessa a raiz clássica em si.

Seus versos são plenos de heróis, de pássaros fantasmiais, de paisagens, de "jorros de luz na fuga de meu dia", de cavalos "carregados de infantes couraçados", e não nos seria de todo bizarro dizer: De imagens bizantinas à procura de um equilíbrio estético ético, tal a poesia do mestre William Butler Yeats.

Ao igual que Federico Garcia Lorca, Mário cria todo um imaginário único, fundando seu próprio universo poético e povoando-o, a seu bel-talento, com criaturas míticas, antes que mitológicas; representações simbólicas do mundo trágico organizado que é a sua própria vida. Criaturas assim tais que bestas (donações de desejo da carne), anjos (seu amor/cara-metade idealizado) festas de agonia (necessidade/lome das orgias amorosas idealizado com o ser amado), terraços de inverno (porta/saída/aberta para auto-flagelações de amor). Nesse tablado vivencial, cita-se o poeta na arte do poetar, ao esculpir poemas quasi-helênicos, extraídos da dor do vivenciar (mais do que do viver).

Terraços de inverno são apenas a superfície visível de seus penares vivenciais e poéticos. Pois, muito estranhamente, sua poesia é também aquela



Mário Faustino: criador de um mundo imaginário e único, fundando o seu próprio universo poético e povoando-o à sua bel-talento.

prenhez de espaços, aquele alazão necessariamente alado, bêbado e ávido de imensidão, correndo nu pelos abismos do céu. Embora seu voo, mais trovadoresco que quixotesco, possa (re) acordar permanentemente seu "topos" eleito: a Morte, recorrência e profissão de fé, breve de voo compulsório - "Sinto que o mês presente me assassina" (...) "a morte espacial que me ilumina" (...)

A morte é a senhora da poesia de Mário. É a morte faustiniana é plena de fausto; regozija-se, ao morrer, ligada que está, primordialmente, à sina do escorpiano e, portanto, aos símbolos onírico-culturais que sustentam nossa cultura ocidental. "Na libra escorpídeos pesam-me a sina". Namoram a morte que em si mora e que lês namora. Sua morte é a redenção da sexualidade sensual (izada) de sua alma. Pois o poeta é tão sensível que, ao visivar o objeto

amado, sua alma freme de premências amorosas espectrais.

Mário a si mesmo se indaga e ao mesmo tempo (ex) clama: "Alma que foste minha - alma anárquica - Que te vale Bizâncio?" às exultações libertárias da alma, o poeta confessa que a certeza límpida, racional e bela da perfeição - Beleza Bizâncio - nada vale se a alma se liber (t) a e passeia doida, ao topar com o amor: "É aqui a cruz onde o caminho se divide em dois atalhos: um para o Mosaico (...) o outro para o lúcido Heleno Elísio, nosso reino livre e nosso verbo, nossa dança e chama".

Para si a morte é também aquela luz esquerda que o é para Torquato Neto, onde o poeta se desvela e morre do ato de recordar para sua verdade interior. Mas sua morte, diferente da de TN, carrega o estigma da culpa: mesclam-se nela o pudor, o sentimento

de queda, os odores escatológicos de uma certeza quase religiosa de pecado - excrementos e sêmen - "e eu de amor também morto e maculo meu fim". Seu "morrer-se" é um gesto pejado de dor coprolítica, até, e a vergonha de morrer por não haver triunfado; (aqui sim, o esgar quixotesco face à fatalidade) triunfalismo esquerdo/esquálido: "Amor represo em ritos e remorsos, Eros defunto e desalado. Eros!".

Essa mescla de culpa e vergonha e triunfo e prazer de morrer é a própria representação da ascese poética do vencer com palavras e linguagem, instrumento e ourivesaria, a verdadeira morte - a dos sentidos e dos sentimentos, a da verdade interior, a única à qual o poeta empresta algum crédito.

É essa ascese fatalista o inscreve na tradição dos grandes vates e

sonetistas, à qual evolui sem cessar no caudal da literatura ocidental (e piauiense, no caso do poeta). É essa inscrição no sublime poético de todos os tempos que faz de Mário Faustino um poeta universal, mui digno cavalheiro/cavaleiro da plêiade literária mundial.

Sua morte pulsa, num cortejo onde "sombras carregam as palavras que ergo". É uma litania, um campo de sangue (haceldama), triunfo do império do NÃO contra seu desejo do sim - de amar.

Mas a poesia de Mário Faustino não é somente isso. O anjo é figura-pilastra de sua obra. É o anjo é o companheiro idealizado (quimera whitmaniana), o Amante, imagem poética do apolíneo que inundaria de luz regular e perfurante a sua alma tão carregada de impulsos proibidamente dionisiacos. O anjo é o infante sonhado em quimera suave, entanto nitidamente pederástica (na acepção etimológica da palavra: daquele que ama os mais jovens). Seu desejo de desbordar sua alma de amante platônico em terras verdes e frescas de amantes mais jovens: ("Esta manhã o ar estava cheio

de anjos" e sua súbita beleza era quase invisível" (...). E ainda: "Ouço teu canto pobre anjo decaído/mas estou preso e o aboto me contempla" (...).

Seu amor, igualmente ao de Lorca, está sempre distante, nunca perto, sempre lhe visita, ora sorridente, por entre as sombras da noite, ora celestial, por entre gazas inexpugnáveis: "Dor, dor de minha alma, é madrugada/ É aportam-me lembranças de quem amo (...). Memória arfante donde alguém que chamo/Para outros braços cardiais me nega/Restos de rosa entre lençóis devolvido".

Essa tradição de cantar com tais miragens, tais alubrimentos, tal "courtoisie", através de tais tratados poéticos (poemas-percurso-processo) descende, em linhagem direta, de uma Cecília Meireles (O romanceiro da inconfidência), de um Jorge de Lima (Invenção de Orfeu), de uma Ezra Pound (The Cantos), ou Dante Alighieri (Divina Comédia).

Essa sofisticação na arte de amar e sofrer e ainda cantar suas penas é constante na hagiografia cristã, quer tome ela como exemplos santos, quer mártires: um Santo Agostinho, uma

Joana D'arc, um San Juan de la Cruz ou uma Santa Teresa D'Ávila. Não seria demasiado adiantar, essa fuga de Mário Faustino a um cristianismo ascético; o amor que alça-se "por cima de qualquer muro de credo/por cima de qualquer fosso de sexo" (...) é também moeda corrente na tradição poética/trovadoresca ocidental e, aqui, reconheça-se a profunda, constante e insofismável influência do "ethos" cristão na vida produtiva ocidental. "Ethos" esse que é, inúmeras vezes, a própria essência do saber ocidental - a crença tão inabalável em seus mitos que chegasse a transformá-los em realidades.

E aqui Mário Faustino toma emprestados uns favores poéticos de Da Costa e Silva, o príncipe dos poetas piauienses, no que suas palavras têm de recordações de sensações líricas de uma beleza profunda e antiga; "do rubro que jaz sob os mosaicos", das chuvas de ouro (o angélico?), do belo cavalo amarelo, de velas, quilhas, mastros (elementos tão sensuais, no que têm de sensitivos: cores, símbolos fálicos...). Como se o poeta, colhido por uma tempestade colocada pelos deuses do destino no meio de suas peripécias pela

vida, almejasse os céus, a bonança, a calma, a sombra.

É Mário Faustino um poeta da tradição, ocidental, épico, kármico, xamânico e, ultimamente, poeta da cultura - artista completamente tatuado de interpenetrações de todo o lido e fruído - a dor pungida - com desejos abismais de criação de um "corpus" vivencial e literário onde vida e linguagem se coadunassem perfeitamente: (...) "vida que é perfeita língua eterna".

Pois a vida, para si, deveria ser (e o era, em seu mundo poético) instrumento de nomeação dos fenômenos e dos seres, onde cada ato, pensamento ou afã humano já nascesse belo, puro, perfeito e purificado em si mesmo, pelo simples ato/fato de ser.

"Que Santo, Santo, Santo é o Ser Humano - Flecha partindo atrás de flecha eterna - Agora e sempre, sempre, nunca et semper..."

N.D.: Todos os versos citados são extraição de poemas de Mário Faustino, cujo Poesia Completa/Poesia traduzida publicação da Editora Mau Limonad, 1985 (Rua Quintino Bocaiuva, 191, 4º andar, São Paulo-SP)

Elis Regina, consagrado espaço cultural das noites teresinenses

JOSÉ RIBAMAR GARCIA

Nilton

Noite de quarta-feira, no bar *Elis Regina*, em Teresina. Mais conhecida como *Quarta-Poética*, por ser dedicada à poesia. Mas, a frequência vai além dos poetas. Há prosadores, ficcionistas, críticos, professores, estudantes, enfim, amantes das artes em geral. E também quem aprecia uma cervejinha gelada - ou super -, acompanhada de petiscos, ao som da boa música ao vivo. Atendimento rápido e eficiente. E o freguês ainda desfruta, de sobra, do sorriso meigo das garçonetes.

Ponto de convergência da intelectualidade. Ao lado do prédio da *UBE-PI - União Brasileira de Escritores do Piauí*. Quase um beco, mas espaçoso, arejado, com as paredes do corredor enfeitadas de poemas, desenhos e pinturas de poetas e artistas locais. Simples e original.

Noite agradável. De recitais e shows musicais. À mesa, alegres e animados, os escritores Magalhães da Costa, Roberto de Carvalho, Jamerson Lemos, Adrião Neto e o jornalista Kenard Kruehl, que fazia as honras da



Elis Regina, um dos maiores talentos da música popular brasileira, homenageada no Piauí

cusa, idealizador daquele espaço cultural. Mais que anfitrião, um leal de notários, e que já pensa em realizar outras noites destinadas à ficção e ao cânone popular. Faça isso, Kenard e, outra vez, estará prestando valioso serviço à comunidade, à Cultura. A Verdadej merece.

Ali, a tribuna é livre. De todos. A conversa e os discursos são variados, enriquecidos. Ninguém se apresenta com ar professoral. Nem pretende ser melhor que o outro. Tampouco há ditos ou donos-da-verdade. Impera o respeito mútuo. A regra, que não tem exceção, é a da cordialidade. O ambiente lembra uma arcádia, numa versão moderna e abrangente. E onde até o sonho turbulento é acalentado pela brisa refrescante do Parnaíba. Ou do Poti. Ou de umbis. Por que não? Afluência meteorológica. Talvez, poética. Naquele local, a rimação e acadêmica são complementos, o que importa é a harmonia.

* José Ribamar Garcia é romancista, residente no Rio de Janeiro.

Resultado do Concurso Mário Faustino de Poesia

Paulo Barros



Ramsés Ramos

selho Nacional de Economia. Editoralista do JB e editor da página Poesia Experiência. Membro do Departamento de Informações da ONU. É patrono de uma das Cadeiras da Academia Brasileira de Letras.

Faleceu em 27 de novembro de 1962, de acidente aéreo em Las Palmas.

Embora somente com um livro publicado, *O Homem e Sua Hora* (1955) e fragmentos de inúmeros poemas e outros realizados, que saíram em edição póstuma em 1966 (*Poesia de Mário Faustino*). A obra do piauiense Mário Faustino não foi um fracasso, ao contrário, é uma bela e inventiva realização, que acabou por marcar esteticamente toda uma geração.

A UBE/PI, levando em consideração a importância de Mário Faustino para a cultura brasileira, instalou em sua sede a biblioteca Mário Faustino, que funciona de segunda a sexta das 8 às 18h e aos sábados das 8 às 12 h.

Ramsés Ramos nasceu em Teresina a 28 de dezembro de 1962. Poeta, músico e jornalista. Membro da UBE/PI. Participou da Diretoria do Sindicato dos Jornalistas do Estado do Piauí. Foi Secretário Particular do Presidente da Federação Nacional de Jornalistas e da Organização Internacional de Jornalistas, Armando Rollemberg. Reside em Brasília, tendo trabalhado na Organização das Nações Unidas. Atualmente faz mestrado na UNB, defendendo o tema

Tradição, Amor e Morte em Mário Faustino, e trabalha no Tribunal Superior de Justiça. Ramsés Ramos é Diretor de Relações Nacionais e Internacionais da União Brasileira de Escritores (seção Piauí).

Dentro sua bibliografia podemos destacar *Percurso do Verbo e da Paixão*, editado quando morou em Praga. Participou das coletâneas *Dois Gumes*, *Dança do Caus*, *Envelope de Poesia e Postais da Cidade Verde*.

Teorema

CLIMILTON
DA SILVA BARROS

Ah! Se eu pego esse teu ris
Faço dele um poema
invento um teorema
teorizando o amor.
Provo do seu sabor
e o torno em objeto
o abstrato em concreto
e me faço teu senhor.

Empresta esses teus olhos
pra eu fazer uns versos
usando meu processo
de sonambulista!
É entrar na agonia
de uma outra paixão
me arremessar ao chão
e te fazer meu dia.

Mas não deixa que eu resist
por mais alguns instantes
num impulso, num rompant
eu posso te agredir!
O meu querer é doido
assim desatinado!
Me arrasta ao teu lado
até me consumir!

Ritmos

FRANCISCO DE SALES ASSIS BARBOSA

o silêncio das folhas
tem o ritmo tênue
das cores/nervos
na casca da árvore

o silêncio do homem
tem o ritmo íntimo
das ondas/promessas
na infinita cavidade

e uma narrativa vesga
marca o tempo dos sentidos.

Em Memória dos Curiosos

MARA CÂNDIDA

Envoltos numa aura de paz e desejo
Alvorecem na pracinha
Os amantes.
Extasiados
Os andarilhos se deixam cativa
Ante a pureza da cena.
Uns se vão,
Outros vêm.
Há os que ficam a contemplar
Inertes
O sentimento de toda existência.
Não mais são pierrô e colombina
Os amantes.
A cumplicidade já os tomou para si.
Mal sabem os curiosos
Que as máscaras caíram.
Nem escutam as confidências.
Pois seus pobres corações solitários
Estão povoados pelo nada.

Celso Barros lança Confronto de Idéias

A Academia Piauiense de Letras, a União Brasileira de Escritores (Secção Piauí) e o Sindicato dos Jornalistas promoveram dia 22 de agosto último, às 19 horas, no Espaço Saúde do Teresina Shopping, o lançamento do livro *Confronto de Idéias*, de autoria do professor Celso Barros Coelho, com o apoio da Livraria e Papelaria Universal Nobel.

Celso Barros Coelho, neste livro, desenvolve alguns temas em que o confronto de idéias, colhidas no pensamento dos autores examinados - Francis Fukuyama, Alceu Amoroso Lima, Gilberto Freyre e Antônio Coelho Rodrigues, sai bastante enriquecido.

No que toca especialmente ao Piauí, é importante o estudo "idéias filosóficas no contexto da cultura piauiense", em que assinala, pela primeira vez entre nós, a posição de idéias filosóficas oriundas de correntes que dominaram o passado nacional e ligadas, mas

proximamente, à Escola do Recife, núcleo de formação intelectual dos vultos destacados no presente ensaio.

O livro foi apresentado pelo professor Raimundo Nonato Monteiro de Santana, da Academia Piauiense de Letras, e recebeu um público variado, sendo a surpresa da noite o Governador Mão Santa, dado o rompimento entre os dois, desde quando Celso Barros deixou a Secretaria de Governo. Estavam presentes membros da Academia Piauiense de Letras, da Academia de Letras do Vale do Longá, do Sindicato dos Jornalistas, da União Brasileira de Escritores, da OAB-PI, da UFPI, da UESPI, entre outros segmentos representativos do nosso Estado.

Celso Barros Coelho, considerado um dos homens mais cultos do nosso Estado, é natural de Pastos-Bons, no Maranhão, onde nasceu a 11 de maio de 1922.



Celso Barros autografando *Confronto de Idéias* para Mão Santa e João Claudius.

Tem os seguintes trabalhos publicados: Da poesia latina na época de Augusto, 1958; O Estado brasileiro - do contexto político ao social, 1961; Diretrizes para uma ação política, 1963; Imunidades: Parlamentares, 1964; O Direito como razão e como história, 1964; A Reforma do Código

Civil, Revista Forense, nº 224; Universidade em causa, 1973; Jurisprudência como norma jurídica in Estudos em homenagem ao professor Washington de Barros Monteiro, SP, Ed. Saraiva, 1982; Eles e os talentos, Câmara dos Deputados, 1985 e Homens de Idéias e de Ação, 1991.

História da Imprensa no Piauí é sucesso de venda

O livro *História da Imprensa no Piauí*, terceira edição, de autoria do professor Celso Pinheiro Filho, editado pela Editora Zodiaco, está sendo uma das obras mais vendidas em nosso Estado dada a sua importância para a nossa pesquisa histórica.

História da Imprensa no Piauí está sendo lançada nas principais cidades do Piauí, obedecendo um calendário de debates sobre o jornalismo que é praticado em nosso Estado.

A primeira cidade a abrir esta série de debates foi Oeiras, no último dia 15 de agosto, o livro a *História da Imprensa no Piauí* foi apresentado e debatido pelo jornalista Antônio Epifânio Moura Reis, oeirense, radicado em São Paulo, onde exerce o cargo de diretor-superintendente do jornal *Diário do Comércio* e faz crítica de cinema para a revista *Exame VIP*.

O lançamento ocorreu a convite do prefeito de Oeiras, Tapety Neto, do presidente do Instituto Histórico, Ferrer Freitas, e do presidente do Sindicato dos Jornalistas no Piauí, Kenard Krueel, para marcar os 165 anos de publicação

do primeiro jornal do Piauí, *O Piauiense*, editado, em 15 de agosto de 1832.

Depois, o livro foi apresentado e debatido em Teresina, no dia 10 de setembro, em programação alusiva ao Dia Nacional da Imprensa, organizada pelo Banco do Brasil, em conjunto com o Sindicato dos Jornalistas, Governo do Estado do Piauí e Prefeitura de Teresina.

Em seguida, no dia 13 de setembro, a apresentação e o debate ficou a cargo da Academia Parnaibana de Letras, em conjunto com a Prefeitura de Parnaíba e com o Sindicato dos Jornalistas. O presidente da Academia Parnaibana de Letras, professor Lauro Correa, foi o anfitrião da noite, no Porto das Barcas.

O livro do professor Celso Pinheiro Filho é o primeiro trabalho sistematizado sobre a história da imprensa no Piauí, figurando como a única fonte de pesquisa em torno do assunto, por isso tem merecido sucessivas edições, a cargo do jornalista Kenard Krueel. O livro abrange informações de 1832 a 1972, data da primeira edição.



Moura Reis entre Ferrer Freitas (esquerda) e Kenard Krueel (direita), na solenidade em Oeiras.

Por iniciativa do Sindicato dos Jornalistas e da União Brasileira de Escritores (Secção Piauí) foi aberto o Prêmio Celso Pinheiro Filho, objetivando atualizar o livro *História da Imprensa no Piauí*, período de 1972 a

1997. O trabalho vencedor será editado e dará ao seu autor o prêmio no valor de 5 mil reais. As inscrições podem ser feitas na rua David Caldas, 195, sul, até o dia 30 de abril de 1998. A premiação acontece no dia 1 de junho de 1998.

UBE Mirim instalado oficialmente dia 18 de outubro no Mário Faustino

A União Brasileira de Escritores (Secção Piauí) irá instalar oficialmente no próximo dia 18, às 17 h, no Espaço Cultural Mário Faustino, dentro da programação dos 24 anos de existência da entidade, o projeto UBE Mirim, que tem como objetivo descobrir talentos literários entre crianças e jovens até 17 anos.

O autor do projeto é o atual diretor executivo da entidade, professor e poeta Cid Teixeira de Abreu. A base do projeto é a crença de que o talento literário pode ser melhor aproveitado se descoberto cedo, para que haja um direcionamento correto a fim de que as crianças não percam o estímulo de escrever e ler.

Professor Cid admite que a idéia de estimular escritores mirins não é recente. "Algumas escolas particulares de Teresina costumam publicar os melhores textos de seus alunos. Só que não é dada a divulgação correta. O que nós queremos, é interiorizar e ampliar mais esse projeto."

A *Zodiaco*, de propriedade do jornalista e escritor Kenard Kruehl, que também é presidente da UBE/PI, fará todo o processo editorial dos novos autores.



Para se inscrever no projeto UBE-Mirim, o interessado deve procurar o professor Cid Teixeira, na UBE/PI, munido de duas fotos 3x4, preencher uma ficha com dados biográficos e pagar uma taxa simbólica de R\$ 2,00 (dois reais), que será mensal.

As vantagens de se associar na UBE-Mirim são muitas. O interessado receberá o certificado de sócio

efetivo e a carteira da entidade, que dá direito a descontos de até 20% na compra de livros nas livrarias Corisco, Des Livres e Leonel Franca e nas promoções culturais e artísticas da UBE/PI.

Os associados também terão a oportunidade de conviver com os grandes escritores do Piauí e, quem sabe, até se tornar um deles. Uma das propostas da UBE/PI, que certamente entusiasmará os associados, é a publicação de livros, de contos e poesias escritas pelos escritores mirins.

O colégio Diocesano, dentre todos os colégios, é o que mais está filiando sócios na UBE Mirim.

Após a instalação da UBE Mirim haverá uma reunião geral com todos os associados para tratar da eleição da primeira diretoria da entidade, que será escolhida entre eles, em votação livre e direta.

No dia 18, a UBE/PI estará lançando, também, o *Concurso de Redação Professor Marcílio Flávio Rangel de Farias*, com o tema *A Importância do Ato de Ler*. O primeiro lugar ganhará uma coleção de livros da UBE/PI e a quantia de 100 reais. Mais informações na matéria abaixo.

Concurso de Redação Professor Marcílio Flávio Rangel de Farias

Em Teresina, Wanke

O regulamento do Concurso de Redação Professor Marcílio Flávio Rangel de Farias, da UBE/PI, tem o seguinte regulamento:

DAS INSCRIÇÕES

As inscrições serão realizadas de 18 a 30 de outubro de 1997, na sede da UBE, na rua David Caldas, 195, sul, CEP: 64.000-190, das 8 às 18 horas.

DA COMISSÃO

JULGADORA

A Comissão Julgadora, para efeito deste julgamento, será formada por 3 (três) professores escolhidos dentre os mem-

bros do Conselho Estadual de Educação.

DO TEMA

Importância do Ato de Ler.

DOS CANDIDATOS

Alunos, com idade de até 17 anos de idade, regularmente matriculados nas Escolas de 1º e 2º Graus do Piauí.

DA PREMIAÇÃO

O 1º lugar receberá uma coleção de livros e a quantia de R\$ 100,00 (Cem Reais).

DOS CASOS OMISSOS

Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria da UBE/PI, após ouvir a Comissão Julgadora.



Piauí é uma esquina

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Em geral ninguém se gaba de ir ao Piauí. Quando se fala em Teresina, logo se diz: "O lugar mais quente do Brasil". Ou, então, cantarolam "O meu boi morreu, que será de mim?, manda buscar outro, ô maninha, lá no Piauí". E outros pensamentos depreciativos afluem como aqueles de Nelson Rodrigues, que vivia debochando daquele estado para, através disso, exorcizar o lado Piauí da alma brasileira. Era um injusto. Um cruel.

Um outro Piauí existe e eu posso testemunhar. Estive lá nas homenagens ao romancista O. G. Régio de Carvalho, fazendo palestras, participando de noite de autógrafos, locando projetos na área de leitura e bibliotecas, e de lá voltei com um agreste gosto de Brasil na alma. O mesmo gosto que sentia quando, nos anos 70, batalhando contra a ditadura e pela literatura, viajava pelo interior e regressava impregnado de Brasil, com um sabor de cupuaçu e graviola misturado aos meus remorsos e me perguntando "Que país é este?".

Regressando ao Rio, no aeroporto, encontrei pessoas que voltavam de Miami e Paris. Pois eu lhes dizia com a cara quase iluminada: "Eu estou vindo do Piauí".

Nos suplementos literários, quando indagam aos escritores o que andam lendo, estes sempre se referem a um livro da moda ou dizem que estão relendo a "Divina Comédia" ou Homero. Pois eu passei as muitas horas da viagem de volta lendo o "Dicionário Histórico e Geográfico do Piauí, de Cláudio Bastos. E ele é melhor que dois livros que li na ida. Um era "Alegorias de leitura", de Paul da Man, professor em Harvard e Cornell, sobre Rilke, Proust, Rousseau e outros. É um livro de ensaios chatissimos que querem nos convencer que o autor é inteligente. Já o outro livro era um pouco melhor. Tratava-se dos "Pastiches" que Proust adotou fazendo, imitando estilos de vários escritores franceses, a começar por Balzac. Mas devo confessar que o "Dicionário Histórico e Geográfico do Piauí" me tocou mais. Teria eu perdido a sensibilidade para as coisas excelentes da literatura universal? Não creiam. Estou apenas deixando de ser menos tolo.



O. G. Régio: o maior romancista do Piauí, responsável pela vinda ao Affonso a Teresina

O Piauí é a esquina do século XVII como século XXI.

Do hotel cinco estrelas, olho as águas barrentas do Rio Poty. Entre os edifícios que se erguem vejo a paisagem de buritis. Tenho a impressão de que os vaqueiros da Casa da Torre, que no século XVII vinham da Bahia tangendo seu gado, estão ali acampados nos campos de Longá. Do outro lado do rio seguramente estão ainda os tapulas e o Padre Vieira acaba de chegar à aldeia dos tabajaras para uma missionária visita. Se olhar com mais atenção, serei capaz de ver também Domingos Jorge Velho, o exterminador de índios e negros, que depois dos morticômios por aqui foi aniquilar os rebeldes de Palmares, lá nas Alagoas.

Visito a Fundação Monsenhor Chaves, dirigida por Maria Cecília Mendes. No pátio, bailarinos piauienses dançam o "Bolero", de Ravel. Uma orquestra de jovens toca Bach. No saguão, uma exposição de esculturas de madeira que seguem a escola do Mestre

Dezinho. Quem é esse Mestre Dezinho, hoje quase cego, que comprimento emocionado? Era um vigia da praça da Igreja Nossa Senhora de Lourdes que fazia uns ex-votos despretensiosamente até que o padre Francisco Chagas, presentindo-lhe a genialidade, encomendou-lhe imagens, porta, púlpito etc. Para sua igreja. Descoberto por um marchand de São Paulo, Mestre Dezinho já expôs em salões pelo mundo.

Na Fundação Monsenhor Chaves está o acervo de Castelinho (Carlos Castelo Branco). O fardão, os livros, as condecorações. Viro-me e, por acaso, dou de cara com um "Que país é este?", que lhe dediquei em 1980. Já faz tanto tempo. E, no entanto, foi ontem. O Brasil continua igual e igualmente diferente. E a pergunta continua sem resposta cada vez mais complexa. O país continua na esquina do século XVII com o século XXI.

Na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), com nove campi no estado, ao lado da alta tecnologia, Libere

Napolitano Medeiros coleta causas de assombração e folclore. "O cabeça de cuia", "o barba ruiva", "a escrava que matou os leões". Descubro uma figura notável: Washington Raulino, advogado, colecionador de livros raros e revistas. Reuniu cerca de 20 mil volumes. Gasta R\$ 2 mil por mês nessa façanha, sem ajuda oficial.

Kenard Kruei, que dirige a mais dinâmica seção da União Brasileira de Escritores; José Reis, secretário de Educação e Zózimo Tavares, especialista em cordel, prepararam-me uma deliciosa surpresa. Na noite anterior, no Restaurante Cabeça de Cuiá, sobre os rios Poty e Parnaíba, os poetas locais, liderados por Cid d'Abreu, já haviam feito um verdadeiro torneio de líricas misturado com seresta etílica. Agora levam-me à Casa do Cantador, que reúne um importante acervo e hospeda os cantadores em trânsito pelo Nordeste. Sob um teto rústico, em bancos de madeira, com cerveja e cachaça a mesa, rodeado de meia dúzia de cantadores, assisto a algo mais emocionante que um concerto no Lincoln Center em Nova York: o embate entre os repentistas José Viola, piauiense, e João Batista, cearense.

Pedem-me um mote para começar a peleja, enquanto afinam as violas. Proponho: "Quem não lê não sabe nada / e quem canta sabe mais?". Tomam-me como personagem de seus versos, desfilam a história de Minas, misturam-na com a da Bíblia, metem até a Biblioteca Nacional nisso, num festival de criatividade que arranca aplausos e risadas. Que belos e superiores poetas esses José Viola e João Batista! Era isso que eu devia ter feito em minha ida. Eu e esses poetinhas que ficam por aí publicando poeminhas inteligentes e chatos. Era isso. Sair por aí de viola em punho.

O prefeito Firmino Filho me diz que está disposto a desencadear uma campanha de leitura em sua cidade recriando ao seu modo os "faróis do saber" de Curitiba. Quer botar livros nas 150 mil casas da cidade. Eu lhe digo: "Faça isto, prefeito. É o único jeito de dobrarmos a esquina do século XVII para o século XXI".

Independência? De Quê? Quando?

FRANCISCO MIGUEL DE MOURA

Há letrados que não sabem que o Brasil Colônia era dividido em dois Estados: o do Brasil e o do Maranhão. O Piauí e o Pará pertenciam ao Estado do Maranhão. Tínhamos o nosso governador, mas subordinado militarmente ao do Maranhão. Dependíamos também eclesiasticamente, do Maranhão. O deputado Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco propôs, em sessão de 14 de setembro de 1822, a desanexação do Piauí do bispado do Maranhão. Não conseguiu. Só neste século, em 1906, ganhamos a diocese que se chamou "do Piauí". Já a independência militar, segundo Pereira da Costa, veio por decreto de 26 de setembro de 1811.

Oeiras, primeira fazenda, primeira povoação, primeira vila - instalada em 1718, com o nome de Vila da Mocha - teve muitos governadores. O primeiro foi João Pereira Caldas, que tomou posse em 1739, não obstante, a elevação do Piauí a Capitania datar de 1718. E a partir de então que, relativamente, somos Capitania distinta e independente, em primeiro lugar, da Bahia, depois de Pernambuco e do Maranhão.

Havia muitas desordens aqui, por isto a criação da Capitania. Tornava-se necessário, segundo queria o colonizador português, emprender a guerra e o extermínio dos índios, o que de fato aconteceu. Queriam suas terras para a criação de gado. Depois a luta ficou entre sesmeiros (os donos da terra) e posseiros (os que trabalhavam a terra), lutas essas que começaram no alvorecer da colonização e entraram pelo século XIX.

No interregno entre a criação da Capitania e sua independência, tivemos como governadores, além de João Pereira Caldas, mais Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, Antônio José de Moraes Durão, João de Amorim Pereira (2 vezes), Francisco Diogo de Moraes, Pedro José de César Menezes, Luiz Antônio Sarmiento de Maia, Carlos César Burlamaqui, Francisco da Costa Rabelo, Luiz José de Oliveira, Baltazar de Sousa Botelho de Vasconcelos, Elias José Ribeiro de Carvalho, Francisco Zuzarte M. Barreto e Padre Matias



Leonardo da Cunha, da Junta de Governo Provisório, idealista, participante e mártir dessa luta.

Pereira da Costa, havendo, de intermédio, 3 juntas governativas, chegando ao período da Guerra da Independência, tempo do poderio do então brigadeiro Manoel Clementino de Sousa Martins e dos acontecimentos que tiveram início no "19 de Outubro". Os historiadores deixam entrever e as pessoas mais velhas confirmam que o "Dia do Piauí" já foi comemorado a 24 de janeiro. O 19 de Outubro foi estabelecido pela lei nº 176, de 30 de agosto de 1937, de autoria do então jovem deputado estadual José Auto de Abreu, abaixo transcrita:

"Art. 1º - 19 de Outubro será feriado estadual, com a denominação de O Dia do Piauí.

Art. 2º - Nesta data, anualmente, serão promovidas comemorações

cívicas nos estabelecimentos de ensino e centros culturais do Estado com a colaboração do Governo.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário".

Conta o autor da lei que, por inspiração do seu professor do Liceu, historiador Anísio Brito, releu e estudou nossa história, a fim de escolher a data mais correta para inserir no seu projeto. Concluiu ser a do primeiro grito de independência do Piauí, dado pelos patriotas de Parnaíba, em 19 de outubro de 1822, cujos cabeças da rebelião cita como sendo Dr. João Cândido de Deus e Silva, Simplicio Dias da Silva, Domingos Dias da Silva, José Ferreira de Meireles, Bernardo Antônio Saraiva, Ângela da Costa Rosal, Bernardo de Freitas Caldas,

Joaquim Timóteo de Brito, ajudados em Campo Maior, por Lorenzo de Arujo Barbosa.

Não esquecer o papel importantíssimo do poeta Leonardo das Dores Castelo Branco, idealista, participante e mártir dessa luta. Muito embora os patriotas parnaibanos, por cautela, não tenham esperado a chegada do comandante português João José da Cunha Fidié e sua tropa, preferindo refugiar-se provisoriamente na vila de Granja, Ceará, que já proclamara sua independência do domínio português - foram eles que tomaram a iniciativa, deram o grito de partida, aplaudidos pelo povo, ainda que "desajudados e sem meios e recursos bélicos para resistirem às adestradas forças de Fidié, que de Oeiras, em marcha batida para ali se deslocava..."

Verdade é que logo foram seguidos e ajudados pelos patriotas de Campo Maior e de outros paragens. E em seguida, a 24 de janeiro de 1823, veio a proclamação da independência, em Oeiras (a luta era a mesma, somava-se), erigindo-se o então brigadeiro Manoel de Sousa Martins em presidente da Junta de Governo Provisório, depois da declaração da Câmara da Capital em apoio ao grito do Ipiranga.

A seguir, acontece a Batalha do Jenipapo, selando com sacrifício, sangue e muitas mortes, a Independência do Piauí, em 15 de março de 1823, embora não tenha sido a batalha final. Fidié recua, bate em retirada, sendo perseguido por nossos homens, aliados aos cearenses. Em Caxias, Maranhão, as forças portuguesas se rendem, finalmente.

Essas três datas são valiosas, necessárias para o conhecimento de nossa história.

Por que não reuni-las numa só, formando o "Dia da Independência do Piauí"? em todas elas fatos importantes aconteceram. Mesmo depois do 15 de março, a luta continua, pois não houve propriamente uma derrota. O comandante Fidié é perseguido por nossos homens, aliados aos cearenses, até Caxias, no Maranhão, onde finalmente se rende. Só não sabemos a data precisa da rendição.

Inquirição ecológica

- Nome?
- **Teixeira de Abreu**
- Orenome?
- **Cid**
- Reino?
- **Animal, filo dos cordados, subfilos dos vertebrados.**
- Classe?
- **Dos mamíferos.**
- Subclasse?
- **Dos eutérios.**
- Infraclasse?
- **Dos placentários.**
- Ordem?
- **Dos primatas.**
- Sub-ordem?
- **Dos antropóides.**
- Infra-ordem?
- **Dos catarríneos.**
- Superfamília?
- **Homínida.**
- Família?
- **Hominídea.**
- Gênero?
- **Homo.**
- Espécie?
- **Sapiens.**
- Variedade?
- **Sapiens sapiens.**
- Ecosistema?
- **Ecumenópole.**
- Região biogeográfica?
- **Neotropical.**
- Nicho?
- **Brasil.**
- Região?
- **Nordeste.**
- Subregião?
- **Maranhão.**

A última jogada

(em memória de Flávio)

a tacada covarde
matou a bola sete
na caçapa de nossas lágrimas

a bola quatro chorou
o amarelo da bola dois

o verde do três
sem o róseo do seis
rodopiou pela branca
sem a cinco azul

- e todas as vermelhas
se uniram no absurdo

cid t. de abreu.



Livraria A. Tito Filho

Alberto Pina

A Livraria A. Tito Filho já está funcionando plenamente na sede da UITE/PI, na rua David Caldas, 195, sul, próximo ao Centro Artesanal, mas a sua abertura oficial só se dará no dia 24 de outubro obedecendo programa de aniversário do ex-presidente da Academia Piauiense de Letras e um dos fundadores do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Piauí elaborado pela Academia de Letras do Vale do Longá, que se estende até a data de 17, quando ele realmente nasceu.

Além de livros novos e usados de autores piauiense, a Livraria A. Tito Filho está colocando no mercado desenhos, pinturas, camisetas, esculturas, fotografias, fotopoemas, material de informática e outros. Escritor e jornalista comprará pelo preço de fábrica ou de editora, sem qualquer acréscimo. Para os demais clientes, o preço será com o acréscimo normal do mercado.

A. TITO FILHO - José de Arimathea Tito Filho nasceu em Barras, a 27 de outubro de 1924. Filho do desembargador José de Arimathea Tito e Nise Rego Tito. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Fiscal previdenciário, professor e escritor. Como professor, ensinou OSPB e Estudos Sociais no Colégio Estadual do Piauí, hoje Zacarias de Góis; Sociologia Educacional na Escola Normal Oficial; Língua e Literatura Portuguesas na antiga Faculdade Católica de Filosofia. Foi diretor do Colégio Estadual do Piauí.



Interventor federal na Federação Piauiense de Futebol. Consultor Jurídico e Presidente da extinta Comissão de Abastecimento e Preços do Piauí. Chefe de Grupo Executivo de Administração do Ministério da Agricultura.

Secretário geral e presidente da Academia Piauiense de Letras, desde 1971. Um dos fundadores e primeiro presidente da Associação dos Jornalistas Profissionais do Estado do Piauí,

logo transformada em Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Piauí. Relator do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Membro do Conselho Estadual de Cultura.

Secretário de Cultura e de Educação do Piauí. Secretário da Biblioteca, Arquivo e Museu do Piauí (Casa Anísio Brito). Assessor do Comando Geral da Polícia Militar. Atuou como membro da Comissão de Levantamento

Cultural do Piauí e Presidente do Grupo de Trabalho de Readaptação do Ministério da Agricultura no Piauí.

Um dos criadores do Plano Editorial do Estado. Membro de Comissões Julgadoras de Concursos Literários da Secretaria de Cultura, da Academia Piauiense de Letras, da Universidade Federal do Piauí e de outras instituições culturais e artísticas. Membro da Comissão Julgadora do Concurso de Reportagem Paulo de Tarso Moraes da Prefeitura de Teresina.

Membro da Comissão Julgadora do Concurso de Português e Francês do Ministério da Educação e Cultura. Membro da Comissão Organizadora do Centenário de Nascimento de Da Costa e Silva. Presidente da Comissão Julgadora do Concurso de Contos João Pinheiro da Fundação Cultural do Piauí. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Martins Fontes, por ocasião do Centenário de Nascimento do autor. Membro da Comissão de Concurso de Dramaturgia da Fundação Cultural do Piauí. Membro-examinador do Concurso José Lins do Rego do Banco do Nordeste.

A. Tito Filho recebeu convites os mais diversos para figurar em altos cargos fora do Piauí. Porém, o seu amor por Teresina fez com que ele recusasse todos eles. A. Tito Filho deixou esse seu sentimento de amor maior registrado em *Teresina Meu Amor* e em centenas de artigos publicados nos jornais e revistas da terra.

70 anos de morte do Motorista Gregório

Silva

A União Brasileira de Escritores (Seção Piauí), juntamente com o Sindicato dos Jornalistas e outras entidades, está programando uma série de atividades para marcar os 70 anos de assassinato do motorista Gregório Pereira dos Santos, no próximo dia 17 de outubro, no seu monumento túmulo, na beira do rio Poti.

O motorista Gregório, de então 19 anos, no dia 14 de outubro de 1927, atropelou o filho do tenente Florentino, delegado de polícia de Barras. Foi preso, acorrentado, esbofetado e torturado. No dia 17, às 7 horas, no porto do Porenquanto, às margens do rio Poti, em Teresina, o motorista

Gregório foi acorrentado pelo pescoço com a mesma corrente que o algemaram, suspenso à trave de uma latada e morto com três tiros de pistola no ouvido, desferidos pelo tenente Florentino.

O Piauí todo ficou comovido, num sentimento de dor e revolta. Deste dia em diante desenvolveu-se na população um verdadeiro ímpeto de fé e de devoção em memória do motorista Gregório - a alma milagrosa e santa. Todos os anos, no dia dos finados, o povo faz romaria ao túmulo do mártir Gregório.

(Fonte Wilson Carvalho Gonçalves)



O soneto na poesia de Hardi Filho

M. PAULO NUNES

A reforma modernista na poesia, com que se tentava exprimir uma nova estética, trouxe um certo descrédito para o soneto, uma das mais antigas formas de expressão da arte poética, em todos os tempos.

A preferência pelo verso livre, um dos cânones do modernismo, que já vinha do simbolismo, tentava descobrir ritmos novos, além de revelar, através de palavras comuns, ressonâncias poéticas novas que procurassem afastar o poeta dos achados já consagrados pelos parnasianos, na castigada ourivesaria do verso, seguindo aquela definição de arte concebida por Bilac em célebre soneto, em que a visualiza como o engaste de um rubi.

Com o pós-modernismo, passaria a euforia do primeiro momento do modernismo, em que o próprio Bandeira, como que renegando a tradição poética manifestada em seu primeiro livro - *A Cinza das Horas*, dilacerava-se na poética de protesto e antilusitana, como se verifica no poema *Poética*, de seu livro *Libertinagem*.

"Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho e o vernáculo de um vocábulo / Abaixo os puristas / Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção / Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis".

Entretanto, passada a euforia modernista, voltam seus grandes poetas - Bandeira, Drummond, Vinícius de Moraes - ao soneto como forma das mais perfeitas de expressão poética. Sinal da irredutibilidade do soneto como forma de expressão poética? Doutrinam críticos e historiadores da literatura, como Massaud Moisés:

"... O soneto tem constituído uma espécie de pedra de toque para todos quantos se abalançam a escrever poesia. Ainda nos dias que correm, ele continua a ser uma esfinge a propor um enigma que desafia a todos, talentosos e medíocres: reduzir a quatorze versos um conjunto de sentimentos por certo ávidos de se espalharem em outras estrofes. Nessa redução é que se revela a mestria ou bisonhice do poeta". (Cf. Vaseo de Castro Lima, in *O Mundo Maravilhoso do Soneto*, Liv. Freitas Bastos, p. 89).

A trajetória de Hardi Filho, cearense incorporado à nossa literatura e à nossa vida cultural, se realiza como das mais autênticas afirmações do estro poético entre nós. Perlustrando com segurança as mais diversas formas de expressão poética, com livros em que se revela com uma incomum densidade poética, em obras reveladoras como *Cinzas e Orvalhos* (1964), *Gruta Iluminada* (1970), *De Desencanto e de Amor* (1983), *Teoria do Simples* (1986), *Cantoria* (1986), *Suicídio do Tempo* (1991), a preferência pelo soneto, no entanto, parece ter sido a nota dominante em sua manifestação poética e uma das mais altas em nossa literatura, que já teve em Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, Jônatas Baptista, Lucídio Freitas, Celso Pinheiro, Da Costa e Silva, Moura Rego, Martins Napoleão e modernamente, H. Dobal, suas vozes altissonantes.

Em Hardi Filho o soneto parece ter sido a sua mais autêntica forma do fazer poético, de tal modo é ele

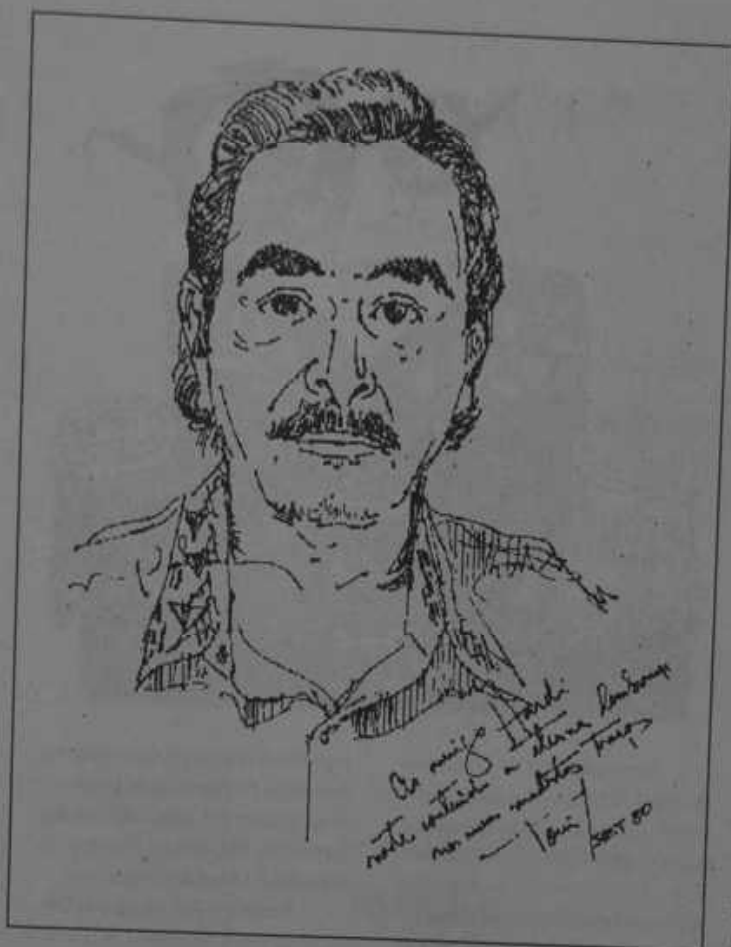
identificado com o seu sentimento pessoal, a exemplo do que ocorre com os grandes líricos de nossa língua como Camões, Bocage, Antero de Quental, Raimundo Correia e Olavo Bilac.

Neste seu novo livro de versos - *Estação 14*, em que retoma os grandes temas de seus livros anteriores, apresenta-se ele na sua melhor expressão poética, que é seguramente o soneto.

Percorre Hardi Filho desde os temas mais simples ou da vida cotidiana - e sua vida simples é uma lição diária de poesia - até os grandes motivos da poesia, que são os do amor e da morte e da mais funda desesperação, como no soneto V da parte I - *Cinzas*, nos tercetos finais:

"Quem luta contra o fado às vezes vence-o
Luta... E sou a vez da dor saindo
pela boca sem vida do silêncio.

A minha história... Poderes contá-la?
Sou uma vela acesa se esvaindo
na solidão pungente de uma sala."



Ou neste outro (*Soneto XIII*, da mesma parte) em que a evanescência dos fatos, que lembra o melhor de Francisco Rodrigues Lobo, poeta quinhenista português, em soneto famoso, que começa pelo verso: "Formoso Tejo meu quão diferente", em que a mesma similitude da mudança das estações com a dos sentimentos humanos está presente neste belo soneto:

"Tudo muda na vida, o tempo passa...
Assim nos mostra a luz da experiência.
E passa a infância e passa a adolescência
ambas tão cheias de esperança e graça!

Em pecado transmuta-se a inocência.
Ah! esses planos que o destino traça!
O afortunado emerge na desgraça,
o miserável sai da penitência...

Onde o tufo varreu nasce uma rosa,
vira deserto algum pomar florido.
Ingere amor o face que era odiosa...

Eu, confiante no visto e sucedido,
vivo esperando - espera dolorosa!
que o desprezado venha a ser querido."

Mas é sobretudo o lírico, que em belas estrofes celebra a amada sempiterna, que neste livro está presente a todo instante, como no soneto *Men Ceu*, da Segunda Parte - *Orvalhos*, cujo final camoneano merece ser transcrito:

"Nada digo de ti, apenas digo,
- quando tu vens, se vão as amarguras...
É o céu que desce a se encontrar comigo!"

No mesmo diapasão - o do lirismo amoroso, que de resto compõe toda esta segunda parte do livro, é o soneto *Se*, que lembra os melhores momentos de Vinícius de Moraes, com quem se emparelha, sem nenhum deslavor, e deve ser inteiramente transcrito, para que se possa apreciar plenamente o seu vigor e a sua expressividade:

"Se o nosso amor um dia terminasse...
sei que, a partir desse tristonho dia,
em tua face a dor se estamparia,
a dor se estamparia em minha face.

A se acabar um dia esta harmonia
era melhor que o mundo desalinhado.
Na vida o amor a todo instante nasce,
mas outro igual ao nosso nascera?"

Das rigores do tempo posto à prova,
achando em tudo uma alegria nova,
que o mesmo amor por todo transcurso
e continua... Porque ninguém creia
no terrível desastre que seria
se o nosso amor um dia terminasse!

Mas é sobretudo na parte final
do livro, que se fecha com chave de
ouro - valha o lugar comum, em que há
a perfeita identificação da sensibilidade
do poeta com o seu sentimento pessoal,

como ocorre nos grandes líricos da
língua. Neste particular os seus sonetos
líricos, como já se disse de Camões em
relação às suas canções, que ele
chamava de *intencões* (intencões), são
secretários fiéis de sua sensibilidade,
retratando o tumulto interior de uma
alma inquieta e sonhadora.

Desde os sonetos autobiográficos
Auto-Perfil e *Nos Meus Sessenta
Anos*, até os mais belos *Eu Preciso de
Ti*, *Noxa Presença*, *Olhando-te
Assim Profundamente*, *O Que Tem*

Brilho todos dedicados à amada
sempiterna, Adélia, amor de toda a
vida, o poeta reconstrói um universo
lírico em que o sopro amoroso perspa-
sa como a ressuscitação daquele estado
que Fernando Pessoa já define como
*estar comigo e com os amigos de
mim*.

Para concluir estas pátidas
considerações sobre o poeta Hardi
Filho, personalidade um tanto esquiva,
mas sóbrio e elegante nas atitudes, já
possuindo traduções suas para o

francês, o que lhe confere a justificada
universalidade, dele diríamos apenas
que é sem favor um dos mais primo-
rosos cultores do verso que possuímos.
Afirma-se assim Hardi Filho com este
seu novo livro como personalidade de
exceção em nosso meio intelectual; ao
restaurar a poesia em sua essencial
dignidade literária, no momento em que
ela descai no público apreço como
instrumento de civilização e as vozes dos
poetas são abafadas pelo eco estridente
dos energúmenos.

Sonetos de Hardi Filho

Amor espanto

ENTRE OS AMORES que me aconteceram
até agora alguns, tal como a lua,
são inconstantes, sim, mas continua
a beleza dos vínculos que arderam!

Muitas paixões e amores só viveram
nos planos onde a fantasia atua;
outros, reais, deixaram-me a alma nua
e pelos vãos do tempo se perderam.

Mas um amor sublime, um entre todos,
segue fiel amor, livre de apodos
infelizes. Ante ele eu me ajoelho.

Amo esse amor real sonhado, hinário
da minha vida, amor extraordinário!
Espantoso! Sincero como o espelho.

A certeza do amor

EIS UM AMOR que excede, na verdade,
os que na História relatados são.
Eis um amor que pelos tempos há-de
mostrar ao mundo a força da paixão!

Eis um amor nascido (por que não?)
para exemplo real de eternidade,
amor com fôlego e disposição
que vão além da morte e da saudade!

Eis um amor especial, que mana
perfumes de presença dividida
tendo gosto de coisa inteira e insana!

A certeza do amor terá, querida,
quem sentir a emoção divina e humana
de um tal amor que é bem maior que a vida!

Imortalidade

QUANDO O ARTISTA na morte se define,
para ele, claro, extinguem-se o presente
e o futuro, restando tão somente
que o seu passado de arte se ilumine;

que uma dor solidária se imagine
a essa luz; que o aplauso rebente
dos corações sensíveis e combine
com a beleza e a verdade. Certamente

quando a pessoa morre acaba a sorte.
Passa a valer a herança de atitudes
ou o fundamento da arte produzida.

Sim. Com obras e ações se vence a morte!
E só a morte diz de outras virtudes
capazes de imortalizar a vida!

Ser poeta

SER POETA é viver com a alma acesa
em ânsias de alvorada e de poente...
É ser, não raro, fera hostil, valente,
e, muitas vezes, ser ave indefesa.

Ser poeta é ter nos olhos a incerteza
e nos lábios a súplica do crente!
É postar-se abismado e reverente
diante de Deus, do sonho e da beleza!

Ser poeta é amar o céu, o mar, as flores...
É reviver constantemente amores...
É viver na agonia dos desejos...

Ser poeta é ser obreiro dos sentidos...
É transformar em cânticos - gemidos,
e o vazio da vida - encher de beijos!

CIÊNCIA E PACIÊNCIA

A. TITO FILHO

Ribeirão Cardoso

Mais de trinta anos o nosso conterrâneo do Piauí - Samuel Dourado Guerra - dedicou ao estudo do vocabulário e fez pesquisas pacientes, nos domínios da etimologia e da morfologia, das quais publica o presente estudo, utilíssimo aos que buscam conhecer significados e correto emprego das palavras portuguesas.

Não se ignora que o novo idioma provém das lentas modificações que o latim sofreu na Península Ibérica. Os dominadores sofreram estragos na língua que falavam, por virtude dos hábitos fonéticos dos povos dominados. Celtas e iberos só com grande esforço de voz reproduziam o intervocálico. Assim o pede romano passou a pee e, afinal, na forma vigente, pe. A raiz, porém, se encontra na origem latina ped, donde os derivados pedestre, pedal. De ovis, ovelha, da língua do Lácio, se fez ovino, mas ovino não vigorava na fala do povo, porque este deu preferência às formas mais expressivas, mais cheias de vida - e empregava, em lugar de ovis, o diminutivo ovicula para designar ovelha, depois das lentas transformações fonéticas de ovicula (ovilha, ovelha). De ovelha se fizeram ovellum, ovelheir o, na língua de Camões.

Os povos têm hábitos fonéticos. Brasileiros e portugueses reproduzem com dificuldade o grupo vl - daí porque Yludmir se transformou em Vuldmir. E o povo em parabolam - parabola - paravla deslocou o l para o lugar do l e vice-versa: pulavra.

O português se enriqueceu também de elemento árabe ainda na Península Ibérica. Incorporam-se ao léxico centenas de palavras, a exemplo de açougue, alfinete, açude, almofada, açucena, açúcar e quantos derivados se façam dos



Samuel Dourado Guerra: um exemplo de dedicação e amor às letras, merece de todas as formas a mais calorosa e sincera das conquistas plenas.

arabismos. Que dizer do grego? Fonte de botismo de inventos, de teorias filosóficas, coisas da medicina - os elementos gregos vivem na língua de todos os dias, como em telegrafo, telefone, teologia, cardiopatia e centenas de outros.

Inglês, francês, espanhol, italiano, alemão, japonês, hebraico juntaram muitas palavras ao português - resultado de relacionamento entre nações e da necessidade dos empréstimos linguísticos. Não se pode exonerar da linguagem das camadas sociais lanche, terrina, mantilha, palhaço, dança, quimono, alcôva - aportuguesamento do variado estrangeirismo.

J. Marouzeau escreveu que a raiz é o elemento irredutível da palavra obtido por eliminação de todos os elementos secundários de formação característica de um conceito dado e

suscetível de figurar, intacto ou modificado, nas diversas formações que constituem uma família de palavras e se torna interessantíssimo o parentesco destas. Em grego, anemo vale ar, vento, sopro. O latim tem anima, ar, sopro, e animus, j, princípio pensante. De anima, e da dissimilação da primeira nasal n em j, anima, dimanaram animai, animalho, animalejo, animalismo, animalista, animalesco, animar, animação, animador, animaria e outros cognatos. Da queda do j átomo de anima resultou alma. Uma numerosa família de palavras, coo se vê. E e animus, masculino, animismo, animista.

Entendemos que o ponto fundamental deste Dicionário de Termos Especiais seja relacionar, num verbete geral, todas as palavras com ele relacionadas e constitutivas de uma

família - justamente aquela família resultante da derivação por prefixos e sufixos. A tal conjunto familiar se juntarem outros significados provindos de línguas diferentes, outros aspectos vocabulares, portanto.

Registrando peixe, da raiz latina alterada peix, por exemplo, arrota, sob o mesmo teto, peixada, peixaria, peixeira, peixão, com sufixos vernáculos; e relaciona piscina, piscivoro, piscicultura, piscicultor, adquiridos pela raiz latina pisc. Vai além: registra pescar, pescado, pescador, que promanaram da raiz alterada pesc. O pesquisador prossegue, na ânsia do trabalho perfeito, e escreve a forma grega de peixe - ictio, donde se fizeram ictiofagia e ictiofago.

Samuel Dourado Guerra realizou estudo único, original, culto, autêntico esforço da ciência e paciência.

UBE e COMEPI firmam convênio para publicar Samuel Guerra

A União Brasileira de Escritores (Seção Piauí) e a Comepi firmaram convênio para a publicação do Dicionário de Termos Especiais, de Samuel Dourado Guerra São 20 volumes, com cerca de 300 páginas cada. Consumiu mais de 65 anos do

autor. O professor A. Tito Filho, ex-presidente da Academia Piauiense de Letras e um dos fundadores do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Piauí, fez o prefácio acima, que será mantido na publicação da obra do professor Samuel como forma de

homenageá-lo também. A. Tito Filho, como Samuel Guerra, era um cultor da língua pátria. Merece, portanto, todo o nosso apreço.

A viabilização desse projeto está sendo possível graças ao apoio do poeta Neto Sambaíba, um dos diretores da

Comepi e vice-presidente e tesoureiro da UBE/PI, além do sinal verde do governador Mão Santa, que ficou deslumbrado com a garra e a paciência do Samuel Guerra, sem falar na importância do seu trabalho para as letras brasileiras.

Jota A brilha no Salão Internacional de Humor do Piauí

Aureo Ferraz/Agência



Charge de Jota A, premiada no XV Salão Internacional de Humor do Piauí

Consagrado nos Salões de Humor de Volta Redonda, no Rio, e de Ribeirão Preto, em São Paulo, o cartunista Jota A. arrebatou, este ano, o primeiro lugar na categoria charge no XV Salão Internacional de Humor do Piauí. O seu trabalho discute a atual polêmica sobre o aborto, projeto em tramitação no Congresso Nacional. Os cartunistas Ubiratan Porto, do Pará, e Cláudio Gomes, da Bahia, ganharam os primeiros lugares em cartum e caricatura, respectivamente. Os três receberam prêmios no valor de 2 mil reais cada. A premiação foi entregue pelo presidente da Fundação Estadual de Cultura e do Desportos Osmar Junior e pelo presidente da Fundação Nacional do Humor Ailton Martins.

Quando começou a desenhar em 1986, Jota A jamais pensou que um dia teria, em sua casa, tantos troféus obtidos em salões nacionais como o de Volta Redonda (RJ), Ribeirão Preto (SP) e do Piauí. Profissionalizado somente a partir de 1988, quando entrou no jornal O Dia, Jota A. especializou-se em charges diárias, retratando a movimen-

tação política nacional e local. Mas nunca esqueceu sua antiga paixão: os quadrinhos. "Nessa época, eu participava muito de fanzines. Mas fugia dos salões de humor porque ainda não me achava preparado. Participar só por participar, nunca", conta. Em 1993, ele apresentou no mesmo salão dois trabalhos e uma proposta, categoria onde o artista mostra sua criatividade usando materiais maleáveis e o formato tridimensional. "Essa proposta mostrava o PC Farias balançando numa ilha cheia de coqueiros, somada à frase: a única forma de você ver PC Farias atrás das grades", diz. Ainda no final dos anos 80, Jota A e o publicitário João Luís Marques Júnior realizaram uma obra empolgante nos quadrinhos, a série "Tartarugas Cangaceiras", satirizando as lendárias Tartarugas Ninjas, de Eastman. O trabalho chegou a ser publicado no extinto Jornal O Estado e na revista de circulação nacional Mil Perigos. "Esse trabalho foi muito importante porque, de certa forma, abriu muitas portas para a gente publicar outros trabalhos", salientou.

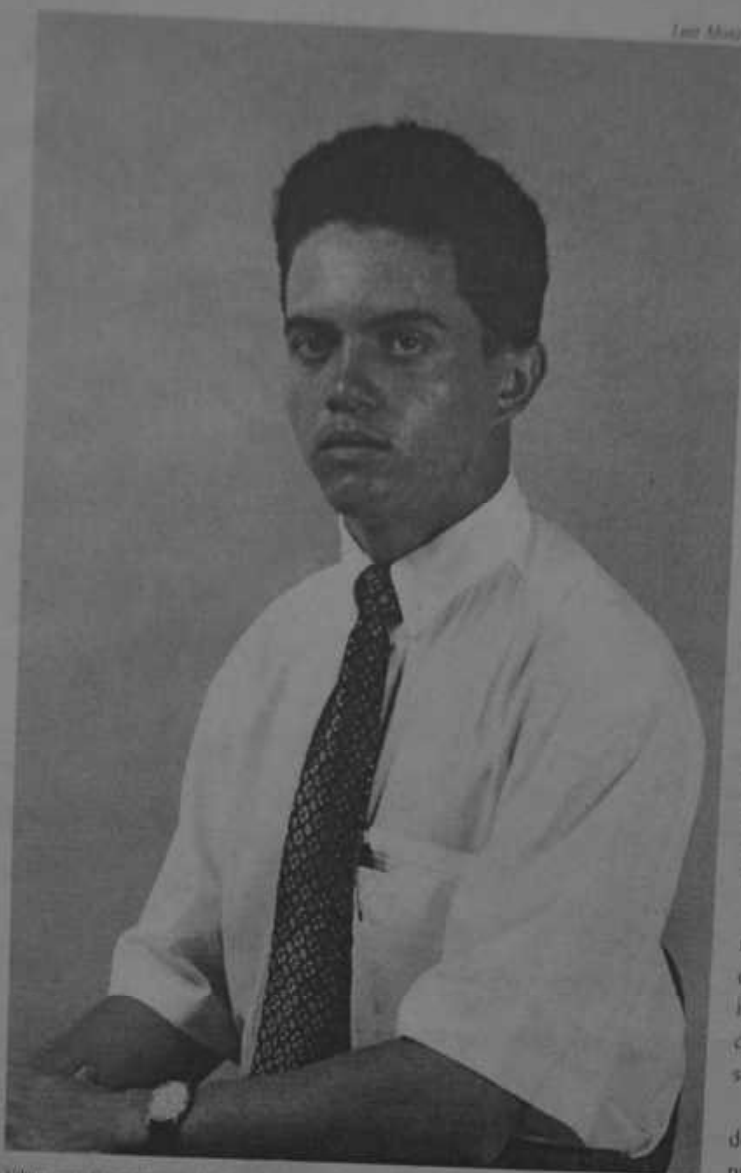
Nilton em Estado de Graça

O cartunista Nilton está realizando uma verdadeira maratona para promover a exposição dos melhores trabalhos publicados no jornal O Estado e que fazem parte do livro Estado de Graça, editado pela Zodiaco.

Nilton já expôs os seus trabalhos no Clube dos Diários, como convidado especial do XV Salão Internacional de Humor do Piauí, no período de 22 a 28 de setembro último, e na Agepisa, no período de 13 a 15 do corrente mês, já estando comprometido para expor na Cepisa, no período de 27 a 31 deste mês. Por onde passa, Nilton recebe os maiores incentivos do público e da crítica especializada do Piauí.

Nilton, de nome completo Josenilton Magalhães Bezerra, filho de Expedito Bezerra de Melo e Maria de Fátima Magalhães de Melo, nasceu em Teresina a 11 de dezembro de 1977.

Desde menino Nilton começou a desenhar, a princípio com um traço simples, mas já revelando o talento que iria ter hoje. Conseguiu publicar a sua primeira charge em 1990, na página de cultura editada pelo jornalista Ral, no jornal O Estado. Depois do pontapé inicial, Nilton tornou-se chargista de O



Nilton, uma das maiores revoluções do humor piauiense, colhendo as lauras da sua arte.

Estado, já extinto, e não mais parou de desenhar.

Conheceu em 1991 Jota-A, renomado chargista, atualmente trabalhando no jornal O Dia, e, através dele, começou a participar de vários salões de humor, dentre eles, o Salão de Humor e Quadrinhos de Ribeirão Preto-SP, o Salão Internacional de Humor do Piauí, o Salão Nacional de Humor de Fortaleza - CE e outros.

Depois de trabalhar em 1994, como principal chargista do jornal O Estado, Nilton foi para o jornal Diário do Povo, em 1995. Publicou alguns trabalhos no jornal O Dia, em 1992, no Correio do Piauí, em 1994. Fez alguns trabalhos para o Norte do Piauí, jornal semanal de Parnaíba, em 1995, mesmo ano em que juntamente com Jota-A, fazia uma página de humor na Revista Fato, de propriedade do jornalista Deolindo Aguiar.

Atualmente, Nilton trabalha na Editora Zodiaco, de propriedade do jornalista Kenard Krauel, e faz ilustrações, charges, cartuns e caricaturas, entre outros trabalhos, sob encomenda.

Nilton, embalado no sucesso do seu primeiro livro, já pensa na publicação do segundo, desta vez em cores.

